

MACHADO DE ASSIS E OS SOFISTAS

Roberto de Oliveira Brandão*

RESUMO: Este estudo procura traçar um paralelo entre o pensamento dos sofistas da Antiguidade (s. V.a.C.) e a ficção de Machado de Assis (s. XIX), o primeiro grande romancista brasileiro. O ponto de articulação dessa analogia situa-se na concepção que aqueles e este tinham da relação entre linguagem e experiência humana. Experiência e linguagem constituem a matéria-prima com que os homens constroem sua visão da realidade, seus valores e sua atuação social. Nesse sentido, relativismo e persuasão complementam-se. À crença de que vivemos num mundo de aparências onde não nos é dado ter senão opiniões, segue-se o reconhecimento de que toda afirmação tem sentido polêmico e argumentativo, procurando convencer o interlocutor. Mas, se nos sofistas aquele consórcio manifesta-se nos planos do conhecimento e da política, no romancista brasileiro ele rege a relação de cada personagem consigo mesma e com as outras personagens. A aproximação permite compreender mais um dado da complexa situação do homem moderno.

Palavras-Chave: essência, aparência, opinião, persuasão.

MACHADO DE ASSIS E OS SOFISTAS

Traçar um paralelo entre Machado de Assis e os sofistas do século V a.C. leva-nos necessariamente à análise de três dos campos privilegiados do pensamento daqueles primeiros mestres profissionais: a linguagem como instrumento de persuasão, a aparência como dimensão humana das coisas e o social enquanto espaço onde se confrontam os interesses dos homens. Que tais temas ainda hoje sejam tão importantes não deve-se apenas ao fato de terem sido abordados pelos sofistas, mas porque o homem permanece basicamente o mesmo, ou, pelo menos, permanecem muito semelhantes as condições de sua existência.

(*) Professor de Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da FFLCH, USP

DA PERSUASÃO À PSICANÁLISE

Uma das afirmações mais famosas dos sofistas sustentava que a habilidade de falar podia transformar a pior tese na melhor, isto é, através do discurso o orador pode impor a seu interlocutor quaisquer idéias, valores e crenças. Naturalmente que essa posição implicava em aceitar que existe um distanciamento entre linguagem, realidade e verdade. E que estas duas podem ser produzidas pela e na linguagem.

Embora, em conjunto, as teses dos sofistas não tenham sido homogêneas nem unânimes, algumas delas marcaram o grupo como grupo, principalmente a partir das críticas feitas por Platão e Aristóteles.

Assim ocorreu com a idéia da relação entre linguagem e persuasão. Num período em que a filosofia preocupava-se em resolver as dificuldades inerentes ao problema da linguagem enquanto instrumento de apreensão do ser e da verdade, Górgias sustentava que nada existia e, se algo existisse, não poderia ser pensado nem comunicado. Argumentava ele que "*não comunicamos seres nem coisas, mas palavras*".

Essa valorização do discurso por si mesmo, que o aproximava da ficção e da poesia, provocava a ira dos filósofos. Sabe-se que Platão opunha aos discursos dos rapsodos "*que não permitem exame e nada ensinam, pois só têm a finalidade de persuadir*", os discursos "*escritos para serem estudados ou pronunciados com fins didáticos, e que são verdadeiramente escritos na alma, tendo como tema o justo, o belo e o bom*"¹. Aristóteles, por sua vez, reprovava o discurso intransitivo dos sofistas que, segundo ele, falavam não para significar, mas apenas "*pelo prazer de falar*".² Nessa perspectiva, as únicas formas verdadeiramente aceitáveis de discurso seriam aquelas que tivessem por objetivo promover o conhecimento como manifestações inteligíveis da justiça, da beleza e da bondade.

A idéia que os sofistas tinham da função da linguagem, entretanto, estava estreitamente ligada à sua concepção de retórica enquanto instrumento persuasivo e político. O que se devia considerar no discurso não era seu valor de verdade, nem o princípio de contradição, mas sua eficácia diante do interlocutor, seu poder de comunicar, ensinar e convencer. Sustentavam eles que a habilidade no domínio de linguagem permite dominar os homens levando-os a pensarem e fazerem aquilo que desejamos. Mas tal força persuasiva distingue-se da submissão operada pela força física. Górgias de Leontini, que teve seu nome ligado a um dos diá-

(1) Platão. *Fedro*. Coleção Amazônica, V. Belém, Universidade Federal do Pará, 1980, pg. 97.

(2) Aristóteles. *Metafísica*. Tradução de Leonel Leandro. Porto Alegre, Globo, 1969, IV, 5, 1009 a 16-22. Ver Também *Le Plaisir de Parler*. Sous la direction de Barbara Cassin. Paris, minuit, 1986.

logos platônicos mais famosos, distinguia a persuasão "voluntária" provocada pela palavra, da "violência", que é a persuasão provocada pela força. No *Elogio de Helena*, ao defender a jovem grega por ter fugido com Páris (*Iliada*), Górgias enumera quatro razões que poderiam justificar aquela atitude: vontade dos deuses, decisão do destino, rapto violento ou persuasão pela palavra. Ao privilegiar esta última, ele justificava dizendo que "a palavra é um poderoso soberano que com pequeno e invisível corpo realiza empresas absolutamente divinas". E acrescentava: "Aquele que infunde uma persuasão age injustamente, mas quem é persuadido, enquanto se vê privado da liberdade pela palavra, só de erro pode ser censurado"³ Daí se podia concluir a importância e necessidade de conhecer e exercitar a arte da retórica. Quando não fosse para persuadir, o seria ao menos para defender-se. Razões opostas, naturalmente, mas que justificavam a posse do mesmo instrumento.

Na Antiguidade a retórica era o contraponto da dialética, da política e da justiça. Aristóteles a legitimava como instrumento de defesa do cidadão. Se é legítimo, dizia ele, defender-se utilizando a força física, mais o será através das palavras, uma vez que estas definem melhor o ser humano do que aquela⁴ Em última instância, a palavra é o espaço onde os homens, enquanto homens, devem resolver os seus problemas.

Mas, as múltiplas funções atribuídas pelos sofistas à linguagem não paravam aí. Eles a usavam também para fins terapêuticos. Não sem sua característica pitada de ironia, Platão nos narra que Górgias costumava vangloriar-se de que em certa ocasião conseguira de um doente deixar-se tratar pelo médico utilizando apenas a palavra⁵ E conta-se ainda que outro sofista, Antifon, autor de uma *Arte de Combater a Neurastenia*, fazia promessas de curar recorrendo às palavras, bastando para isso que seus pacientes lhe confiassem os males que os afligiam⁶. Embora não se saiba o exato alcance desses fatos, a verdade é que eles antecipam funções da linguagem que somente nos nossos dias seriam objeto de consideração séria.

-
- (3) Platão. *Gorgias, Fragmentos y Testimonios*. Biblioteca de Iniciación Filosófica, 102. Buenos Aires, Aguilar, 1966, pg. 87.
- (4) *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d., pg. 33.
- (5) Platão. *Górgias*. Coleção Amazônica, III-IV. Belém, Universidade Federal do Pará, 1980, pg. 123.
- (6) Pseudo-Plutarco. *Vida dos dez Oradores*, I, 833 c. Apud DUMONT, Jean-Paul. *Les Sophistes, Fragments et Témoignages*. Paris, PUF, 1969, p. 75.

A APARÊNCIA COMO DIMENSÃO HUMANA

Mas para os sofistas o problema do uso humano da linguagem tinha outra implicação. Ela era vista como o único espaço onde os homens podiam encontrar-se, uma vez que, verdadeiramente, cada homem vive exilado em sua própria experiência particular. Nesse sentido, não haveria uma verdade única, mas apenas o que parece ser verdade a cada ser humano. O mundo humano seria composto apenas de fenômenos e é por isso que ele se revela mutável e inconstante. Protágoras afirmava que o homem é a medida de todas as coisas. Frase essa que, aparentemente simples, suscitou muitas interpretações.

A disputa de limites entre ciência e opinião, natureza e lei, essência e aparência, ser e devir é muito antiga na história do pensamento humano. Os sofistas nada mais fizeram do que situar esses problemas no campo dos interesses do homem, onde reinam as divergências e os conflitos, mas, por outro lado, obrigam o homem a assumir seu próprio destino. Daí o ateísmo, o ceticismo e o relativismo implícitos no pensamento sofista.

Enquanto os filósofos procuravam compreender o mundo, refletindo sobre os seus problemas, os sofistas sustentavam o primado da ação e das opiniões enquanto formas de ação social e política. Para Plantão, por exemplo, seria impensável separar teoria e prática, conhecimento e ação, uma vez que apenas os primeiros poderiam expressar os problemas reais. Nessa perspectiva, o inteligível devia sobrepor-se ao sensível. À verdade, fundada na razão, sobrepunham os sofistas a argumentação alicerçada na experiência cotidiana onde predominam o senso comum, as paixões e os interesses condicionando a visão e interpretação dos fatos. A verdade única e permanente não fazia parte do repertório de suas crenças e valores. Protágoras sustentava que seria sempre possível construir-se argumentos contrários sobre qualquer assunto. E Górgias afirmava que as mesmas coisas podem ser um bem como um mal dependendo das pessoas a quem elas se referem, como o alimento será um mal para o doente que não pode ingeri-lo, embora seja um bem para o homem saudável. Do mesmo modo, o ferro das armas é nocivo para os que são mortos por ele, mas um bem para o fabricante de armas. Enfim, apenas o interesse inerente às ações humanas é que determina o sentido e o valor de todas as coisas. Referido ao homem concreto, esse pensamento descartava, naturalmente, qualquer consideração que envolvesse noções como "bem comum", que implicaria no sacrifício individual em nome de um valor abstrato e distante.

Mas há outro aspecto do problema. O próprio Aristóteles reconhecia que, diante de certos interlocutores, seria inútil tentar convencer, utilizando apenas argumentos fundados nas verdades da ciência. Distinguiu ele os discursos dirigidos à multidão dos que eram empregados como instrumentos de ensino. Aqueles ape-

lariam aos lugares comuns, às opiniões estabelecidas e à emoção, ao contrário destes que tirariam sua força da reflexão e da razão. Se, como os sofistas, ele admitia que era preciso saber utilizar argumentos opostos, não o seria apenas para sustentar o pró e o contra indiferentemente, pois, como observa: "*não se deve persuadir o que é imoral*", mas somente para avaliar a força argumentativa do adversário⁷

Nesse sentido é que a linguagem se torna um campo de experimentação da ação social. Com ela o homem exercita sua atuação política entre os homens. Argumentar, apresentar razões convincentes, pelo próprio sentido democrático que implica, uma vez que se funda na adesão voluntária será, a partir dos sofistas, a forma mais eficiente de atuar sobre os outros, a maneira mais polida de exercer o poder.

MACHADO DE ASSIS E A FICÇÃO

Machado de Assis é um artesão da linguagem na acepção retórica de domínio dos meios expressivos. Com essa matéria-prima ele cria, recria e transforma o mundo. Mas um mundo que tem a forma e a substância da matéria com que é feito. O círculo se fecha. Aí está o Machado sofista. Suas personagens têm a natureza da linguagem, embora se pareçam tanto com as pessoas reais. Elas transitam pela experiência como o leitor através de sua ficção: não entre seres, mas entre aparências. Daí estarem ambos condenados a viver o mundo apenas como sentido. Se o ser, unívoco e imutável, às vezes percorre sua ficção, não o é senão como estratégia de contraste que revela o movimento do ilusório, sombra de uma utopia ou vão desejo sem objeto em que possa realizar-se. Vejamos alguns dos componentes deste tortuoso percurso.

A LINGUAGEM COMO EXPERIÊNCIA

No início do romance *Ressurreição*, Felix abre a janela e vê diante de si uma natureza em tudo alegre e acolhedora. Mas percebemos que, na verdade, essa cena viva ocorreu num primeiro dia do ano há dez anos atrás. Presente e passado, imagem e realidade contrastam-se e confundem-se como momentos e sensações independentes. A interferência do narrador dá o tom à descrição. A distância entre o tempo da narração e o tempo da ação marca o caráter precário e

(7) Aristóteles. *Arte Retórica e Arte Poética*. Ed. cit., pg. 33.

mutável dos acontecimentos no plano da experiência humana. E a linguagem permite que o leitor confira a transformação experimentada pela personagem com a sua própria experiência da vida:

"Parecia que toda a natureza colaborava na inauguração do ano. Aqueles para quem a idade já desfez o viço dos primeiros tempos, não se terão esquecido do fervor com que esse dia é saudado na meninice e na adolescência. Tudo nos parece melhor e mais belo, – fruto da nossa ilusão, – e alegres com vermos o ano que desponta não reparamos que ele é também um passo para a morte".⁸

Vemos como Machado transita de um particular para outro, da percepção das coisas à experiência do tempo que a tudo transforma. As marcas desse percurso são dadas pelos termos relativizantes "parece", "aqueles", "ilusão", etc. Entre a expressão absoluta "a natureza colaborava" e a relativizada "parecia que a natureza colaborava, ou entre "tudo é belo" e "tudo parece mais belo" ou "fervor com que esse dia é saudado" e "fervor com que esse dia é saudado na meninice e na adolescência", estende-se o tempo, esse alquimista infatigável. Nesse movimento, o ser nada mais é do que o sentido que a ele damos, sentido humano gerado pela perspectiva com que o vemos.

Assim entendemos quando o narrador nos diz que "*alegres com vermos o ano que desponta não reparamos que ele é também um passo para a morte*". Em outros termos, a emoção com que recebemos as coisas alegres nos impede de ver que são passageiras, fugazes. Qual é, poderíamos perguntar, o ser referenciado pela expressão "ano que desponta", seria a alegria da vida ou o prenúncio da morte? Em última instância, a idéia que fazemos das coisas nada mais é do que a generalização de um aspecto por nós privilegiado. A escolha do sentido e do aparato retórico com que o representamos resultam da perspectiva do momento vivido, como se o fluxo do tempo, ao constituir a experiência, fosse ao mesmo tempo semantizando os acontecimentos.

A LINGUAGEM COMO ARGUMENTO

Em outros momentos a precariedade do ser é dada pelo deslizamento operado pelo vocabulário. Cada termo exige outros termos que o expliquem e redi-

(8) ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. In *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962, vol. I, pg. 155.

mensionem seu significado anterior. As palavras deslizam pelo texto em busca de seu sentido, embora este seja sempre problemático. A argumentação se sobrepõe à definição, pois o sentido não é algo dado, mas construído. E é ele que cria o simulacro do ser.

No início de *Iaiá Garcia*, quando o pai de Iaiá reluta em aceitar de Valéria a tarefa de convencer Jorge a seguir para a guerra, lemos o seguinte fragmento de diálogo:

"— Seu filho não é criança, disse ele; está com vinte e quatro anos; pode decidir por si, e naturalmente não me dirá outra coisa... Demais, é duvidoso que se deixe levar por minhas sugestões, depois de resistir aos desejos de sua mãe.
— Ele respeita-o muito"

A esse diálogo segue-se uma intervenção do narrador, que revela os motivos ocultos nos propósitos da mãe do rapaz:

"Respeitar não era o verbo pertinente; atender fora mais cabido, porque exprimia a verdadeira natureza das relações entre um e outro. Mas a viúva lançava mão de todos os recursos para obter de Luís Garcia que a ajudasse em persuadir o filho. Como ele lhe dissesse ainda uma vez que não podia aceitar a incumbência, viu-a morder o lábio e fazer um gesto de despeito"⁹

Esse texto é interessante por várias razões. Em primeiro lugar vemos como passa pela linguagem a perspectiva com que se vê a realidade. A diferença entre os verbos "respeitar" e "atender" marca o espaço que vai do desejo à ordem, da autoridade ao autoritarismo. A relação ambígua que percebemos na afirmação "*Ele respeita-o muito*" revela o tênue espaço entre constatação e argumento. O discurso em situação só conhece o segundo, escolha deliberada do aparato retórico com que se representa a realidade. E o movimento entre revelar e velar as intenções de Valéria se completa com a observação atribuída a Luís Garcia de que ele a teria visto "*morder o lábio e fazer um gesto de despeito*".

Com esse expediente, o narrador insere nos fatos observados: "morder/fazer um gesto", uma perspectiva que na verdade é do observador: "de despeito", denunciando a troca dos motivos com que Valéria procura esconder seus propósi-

(9) ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*, pg. 399.

tos. O argumentativo está justamente no fato de se escamotear a relação proposital entre um fato e o sentido a ele atribuído, buscando-se naturalizar tal relação.

GESTO E LINGUAGEM

Os gestos das personagens machadianas não servem apenas para torná-las mais reais ou verossímeis enquanto seres humanos. Servem também, e sobretudo, para velar/revelar as motivações que as alimentam. Seguindo paralelamente à linguagem propriamente dita, os gestos traduzem, ocultam ou ambigüizam desejos, intenções e interesses ocultos. Daí a necessidade de traduzi-los para a linguagem natural, de integrá-los na situação concreta do discurso, trabalho realizado em geral pelo narrador ou por uma personagem investida de elocução narrativa.

É muito comum entre as personagens de Machado de Assis os lábios cedem aos olhos a função de expressar o que lhes vai no espírito, como nesta passagem de *Ressurreição*:

"Calaram-se e ficaram algum tempo a olhar um para o outro. A explicação que já os lábios não pediam nem davam, começaram a pedi-la e a lê-la os olhos de ambos" ¹⁰

Por vezes as personagens assumem o papel de decifradoras do sentido que se oculta sob os gestos alheios, principalmente nos movimentos do rosto, mãos e olhos. São muito frequentes expressões como "ler no rosto", "ler na fisionomia", "olhar indagador" e outras. Nesse mesmo romance há uma passagem ilustrativa do movimento de ir e vir da linguagem ao gesto e vice-versa, como se uma instância só pudesse ser compreendida a partir da outra. Trata-se de um comentário feito pelo narrador a um diálogo havido entre Menezes e Félix:

"Estava curado da sua malfadada paixão. Curado e vexado, dizia ele, quando Félix o interrogou a esse respeito:

– Estes amores são as lições da escola dos meninos, concluiu Menezes sorrindo. Já saíste da primeira escola; por que não sobes de estudos?

(10) ASSIS, Machado de. *Ressurreição*, pg. 136

A esta metáfora, um tanto rebuscada, respondeu Félix com um sorriso que podia confessar e negar ao mesmo tempo. Menezes, que não tinha nenhuma intenção oculta nas suas palavras, não se deu a averiguar qual das duas expressões convinha ao sorriso do amigo. As relações de ambos pareceram estreitar-se mais. Com um pouco mais de expansão e confiança, teria o médico referido ao amigo os seus amores e a sua felicidade próxima. Não o fez, nem Menezes lho adivinhou. Teve suspeitas uma noite em que surpreendeu os olhos da viúva amorosamente cravados no médico, mas a indiferença com que este se levantou para ir gracejar com Raquel de todo o dissuadiu" ¹¹.

Vemos que os gestos, como a linguagem natural, podem ser ambíguos e polissêmicos. Ao mesmo tempo em que revelam o mundo interior, podem também encobri-lo e despistá-lo. Mas, também aqui, o limite entre revelar e ocultar é precário e fugidio. E permanente o risco de se revelar de um para o outro. Na verdade ambos se implicam mutuamente. Em *Iaiá Garcia* há uma passagem em que Luís Garcia mostra à esposa uma carta de Jorge onde este confessa que ama alguém, sem, contudo, nomear sua amada. Estela bem sabe tratar-se de si e procura descobrir se o marido alimentava alguma suspeita. Contudo, não percebendo nada que o denunciasses, ela arrepende-se da própria suspeita. E todo esse complexo movimento entre gestos e intenções, dissimulação e desconfiança é dado de forma extremamente concisa pelo narrador:

"Estela, sem levantar a cabeça, olhou ainda de esguelha para ele, como a procurar-lhe na frente a intenção escondida, se porventura havia alguma, e esse gesto era tão travoso de receio e hesitação, era sobretudo tão dissimulado, que ela própria o sentiu e arrependeu-se" ¹².

Depois, é sua mão que a ameaça denunciar. O sentimento, mal contido quer manifestar-se: "*A mão tremia; ela firmou-a sobre a borda da secretária; mas o tremor, ainda perceptível, não cessou*". Volta ela a interrogar os gestos do marido: "*E o sorriso era tão natural, tão despreocupado, tão honesto, que Estela ficou tranquila*" ¹³ O efeito tranquilizador que ela encontra no sorriso do marido na verdade significa a margem de segurança que ela busca para poder preservar o

(11) ASSIS, Machado de. *Ib.*, pg. 156.

(12) ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*, pg. 450.

(13) ASSIS, Machado de. *Ib.*

afeto recalçando em seu íntimo. Sob a capa da indiferença e da calma, pulsa o jogo de emoções que oscilam entre a censura e o desejo.

E *Dom Casmurro* existe todo um ritual de pequenos e quase despercebidos gestos que configuram a personalidade ou o estado de espírito das personagens. Quando um sentimento mostra-se ambíguo ou uma realidade conflituosa, os movimentos do corpo, sobretudo olhos e mãos, se encarregam de transmitir o indizível que vai na alma. Entretanto, o alcance do paradoxo entre a impotência da linguagem e a experiência viva e intransferível, e, por isso mesmo, transbordante de significado, só as pessoas envolvidas no acontecimento concreto podem avaliar, e o leitor, naturalmente.

"Estávamos ali com o céu em nós. As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas uma só, mas uma só criatura seráfica. Os olhos continuavam a dizer cousas infinitas, as palavras de boca é que tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham." ¹⁴

E esse semantismo dos gestos face ao bloqueio da linguagem verbal percorre todo o texto de *Dom Casmurro*. Rememorando a cena em que Capitu desenha no muro seu próprio nome junto ao de Bentinho, o narrador, já maduro, confessa: "*Em verdade não falamos nada; o muro falou por nós*" ¹⁵ Em outra passagem: "*Dito isto, espreitou-me os olhos, mas creio que eles não disseram nada, ou só agradeceram a boa intenção*" ¹⁶. Na cena do beijo, os comportamentos dos adolescentes são diametralmente opostos, ela desenvolta e loquaz: "*Ouvimos passos no corredor: era D. Fortunata. Capitu compôs-se tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelou, nenhuma contradição de acanhamento, um riso espontâneo e claro, que ela explicou por estas palavras alegres: – Mamãe, olhe como este senhor cabeleireiro me penteou; pediu-me para acabar o penteado, e fez isto. Veja que tranças!*" Bentinho, por sua vez, fica muito inibido, embora tentasse demonstrar o contrário: "*Como quisesse falar também para disfarçar o meu estado, chamei algumas palavras cá de dentro, e elas acudiram de pronto, mas de atropelo, encheram-me a boca sem poder sair nenhuma*" E, mais tarde, já em seu quarto, vem-lhe inesperadamente a palavra em vão procurada: "*De repente, sem querer, sem pensar, saiu-lhe da boca esta palavra de orgulho: – Sou homem!*" Observa-se uma inversão na função evocativa dos dois comportamentos. E o próprio narrador estabele-

(14) ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*, pg. 822.

(15) ASSIS, Machado de. *Ib*, pg. 821.

(16) ASSIS, Machado de. *Ib*, pg. 827.

ce o paradoxo entre uma linguagem que escamoteia a verdade e um silêncio que a revela:

"Assim, apanhados pela mãe, éramos dous e contrários, ela encobrendo com a palavra o que eu publicava pelo silêncio" ¹⁷

SER E PARECER

Na ficção machadiana nada é definido de uma vez por todas. Por outro lado, o sentido que percebemos nas coisas não está realmente nelas, somos nós que o atribuímos, e dentro da perspectiva em que nos encontramos. Ser e parecer não passam de significações com que designamos tudo que nos rodeia, puro jogo entre o que se crê real e o que se julga aparente, ou entre o que se quer que seja tomado por real e o que se quer que seja tomado por aparente. Além disso, o sentido é sempre plural, contrastivo e se manifesta como uma rede de relações. O que chamamos "essência" não passa da aparência "fixada" num ponto dessa rede. É o que nos sugere no narrador de *Dom Casmurro*, apoiando-se na frase de Montaigne: "*ce ne sont pas mes gestes que j'écris, c'est moi, c'est mon essence*". Ao que ele acrescenta: "*ora, só há um modo de escrever a própria essência, é contá-la toda, o bem e o mal. Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim mesmo*". ¹⁸ E completa, expondo sua "teoria dos pecados e das virtudes":

"Não só as belas ações são belas em qualquer ocasião, como também possíveis e prováveis, pela teoria que tenho dos pecados e das virtudes, não menos simples que clara. Reduz-se a isto que cada pessoa nasce com certo número deles e delas, aliados por matrimônio para compensarem na vida. Quando um dos cônjuges é mais forte que o outro, ele só guia o indivíduo, sem que este, por haver praticado tal virtude ou cometido tal pecado, se possa dizer isento de um ou de outro; mas a regra é dar-se à prática simultânea dos dous, com vantagem do porta-

(17) Machado de Assis, *Ib*, pg. 843.

(18) Machado de Assis, *Ib*, pg. 878.

dor de ambos, e alguma vez com resplendor maior da terra e do céu" ¹⁹

Enfim, o homem jamais é inteiriço e homogêneo. E essa sua natureza negativa reflete-se na relatividade dos valores como experiência intransferível. Aparência e essência são termos complementares com que o ser humano procura balizar sua situação conflitante. Puros sentidos que expressam uma experiência particular. Entre o exterior e o interior, o eu e o outro, o permanente e o fugaz, a realidade e o desejo, o homem sente-se irremediavelmente cindido. Daí que ele esteja sempre às voltas com as ambiguidades, as dúvidas e as suspeitas. Essa é a condição do mundo dos vivos, como nos diz o "defunto autor" Brás Cubas, onde as opiniões, os interesses e as cobiças são a regra. Aqui estamos no centro do pensamento relativista de Machado de Assis, pensamento que poderia ser subscrito por qualquer sofista da Antiguidade. Mas, como Machado é Machado, ele se faz sofista como opção crítica. Nesse sentido talvez seja mais impiedoso em sua visão do homem, ao nos revelar que até a confissão que se proclama acaba sendo o avesso da hipocrisia que se cala. Voltamos ao problema inicial da relação entre verdade e mentira, essência e aparência, realidade e sentido. Condição do mundo apenas ou a tarefa do homem?

Com a palavra o finado *Brás Cubas* que, para compreender a vida e os homens, precisou deixá-los. E não parece arrependido:

"Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, e a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas na morte, que diferença! que desafio! que liberdade! como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião,

(19) ASSIS, Machado de. *Ib*, pg. 878-9.

esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados"²⁰

RÉSUMÉ: Cet étude veut établir un parallèle entre la pensée des sophistes de l'Antiquité (V av. J.-C.) et la fiction de Machado de Assis (XIX^e s.), le premier grand romancier brésilien. Le point d'articulation de cette analogie est posé dans la conception que ceux-là et celui-ci avaient de la relation du langage avec l'expérience humaine. L'expérience et le langage sont la matière première avec laquelle les hommes construisent leurs images de la réalité, leurs valeurs et leurs actions dans la société. Dans ce sens, relativisme et persuasion sont complémentaires. Si l'on considère que nous vivons dans un monde d'apparence où nous n'avons que des opinions sur les choses, on conclut que toutes les affirmations sont polémiques et argumentatives, par lesquelles on cherche persuader son interlocuteur. Mais, si chez les sophistes cette réunion-là se manifeste aux plans des connaissances et politique, dans le romancier brésilien elle dirige les relations de chaque personnage avec soi-même et avec les autres personnages. Cette approximation permet de comprendre un donné de plus de la complexe situation de l'homme moderne.

Unitermes: essence, apparence, opinion, persuasion.

(20) Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, pg. 544.